

Regional

NAVEGAÇÃO NO RIO DOCE

Aventuras no Vapor Juparanã

SATVODOR SAUVI
VIVAS RODOVIAS

FOTOS: WILTON JUNIOR

Moradores de Colatina e Linhares contam as histórias e os mistérios da embarcação a vapor mais importante a navegar pelo Rio Doce

**Nilo Tardin
Wilton Junior**

Entre os anos 20 e 50, o Rio Doce era uma das principais rotas para o transporte de mercadorias e passageiros, entre Linhares e Colatina.

A navegação nesse rio, considerado o mais importante do Estado, tomou impulso através do Vapor Juparanã, que foi lançado nas águas em 1926.

Mesmo após a sua última viagem, em 1955, as histórias envolvendo o Juparanã são cercadas de mistério e aventuras e estão vivas nas memórias de muitos moradores do Norte do Estado.

Importado da Alemanha e comandado pelo russo Pedro Epichim, o Juparanã atracava no porto do Rio Doce, no centro de Linhares, e seguia até Colatina, cinco vezes por mês.

O vapor tinha 26 metros de popa à proa por seis metros de largura. Possuía oito camarotes distribuídos no segundo andar da embarcação. No primeiro andar ficavam

a casa de máquinas, o restaurante, a cozinha e as acomodações da chamada segunda classe.

Nas lembranças da servidora pública municipal aposentada Nayade Fernandes, 79, também estão vivas as aventuras dentro do Vapor Juparanã.

Ela lembra do medo que sentiu em uma das viagens no vapor. "Eu tinha 9 anos e minha mãe morria de medo que eu caísse na água. Pegamos um vento forte e as marolas balançavam a embarcação. Apesar do medo dos passageiros, a aventura foi maravilhosa", contou.

Nayade conta que a embarcação saía do porto do Rio Doce, no centro de Linhares, seguia pelo Rio Pequeno até chegar à Lagoa Juparanã, e de lá seguia para fazendas que hoje ficam próximas ao município de Rio Bananal.

"O Vapor atracava na Praia Jesuína ou no Canto da Capivara para ser carregado de café. A carga era levada até Regência e de lá embarcada em navios de maior porte para outros lugares do Estado", contou a aposentada.

MEMÓRIA

O escritor capixaba Rubem Braga também viajou pelo Juparanã, em meados de fevereiro e março de 1949. Relatos da aventura estão no livro "Crônicas do Espírito Santo".

Em 1955, o Vapor Juparanã parou de fazer o trajeto entre Linhares e Colatina e foi abandonado.



DA VARANDA de casa, a aposentada Nayade Fernandes mostra o Rio Doce, por onde viajou no Juparanã (destaque)

Apito ouvido de longe

O apito do Juparanã podia ser ouvido até a 10 quilômetros de distância. Ele era acionado pelo comandante Pedro Epichim ao se aproximar do ponto de embarque e desembarque em Colatina, no noroeste do Estado.

O som atraía a criançada até a beira do rio, encantados com o vai e vem dos passageiros, a fumaça negra da chaminé e as manobras do capitão no controle do vapor.

Essas recordações ainda estão claras na vida do professor Olney Braga, 76 anos.

Aos 6 anos, ele esperava a tia cabeleireira Joanita chegar de Linhares, no Norte, onde ia ondular cabelos das mulheres.

Olney conta que a tia uma vez por mês descia o rio no vapor Juparanã. "Quando voltava era certo



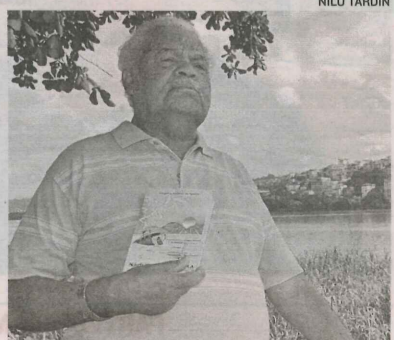
VAPOR encalhou no Rio Doce

trazer um presente para mim. Lembro que ganhei um casal de marrecos, gansos e até uma cabritinha", contou.

Fama de local assombrado após morte de mulher

A visão do navio Juparanã em ruínas, encalhado no Rio Doce em meados dos anos de 1950, em Colatina, ainda está viva na memória do escritor Filogônio Barbosa de Aguiar.

O naufrágio do Juparanã e as aventuras das prostitutas e ladrões



FILOGÔNIO: livro sobre o Juparanã

que usavam o velho casco como refúgio chamou a atenção do então jovem professor Filogônio.

Ele registrou no livro "Náufragos da Esperança" o último suspiro do 'vaporzinho' movido a roda d'água, soterrado definitivamente na década de 70 durante a construção do aterro da avenida Beira-Rio.

"Colatina enterrou um símbolo da navegação do Rio Doce", destaca Filogônio.

No livro, Filogônio conta a história da prostituta Maria Doidinha, que se suicidou pulando do convés do Juparanã. O corpo dela foi achado dias depois boiando em Linhares.

Na época, ouviram-se comentários que seu fantasma assombrava a embarcação nos dias de lua cheia com passos rangendo a madeira esburacada do convés.

CURIOSIDADES

Começo

- > NAVEGAVAM no Rio Doce nos primeiros anos da década de 20 os vaporzinhos Tupy e Tamoyo e posteriormente o navio gaiola-gigante Juparanã, em 1926.
- > ELE FOI adquirido na Inglaterra pelo presidente do Estado Florentino Avidos por 2.715 libras esterlinas. Veio desmontado e foi armado em Colatina pelo russo Pedro Epichim.

Estrutura

- > O VAPOR JUPARANÃ tinha 26 metros da popa à proa por seis metros de largura. Possuía oito camarotes distribuídos no segundo andar da embarcação.
- > CARREGAVA cerca de 300 passageiros, 13 tripulantes e 25 toneladas de carga. Com casco de aço, o calado era de 60 centímetros. Era movido a roda de popa com motor de 80 cavalos movido a lenha.

Compra

- > O JUPARANÃ foi adquirido na Inglaterra pelo presidente do Estado Florentino Avidos por 2.715 libras. Veio desmontado e foi armado em Colatina pelo russo Pedro Epichim.

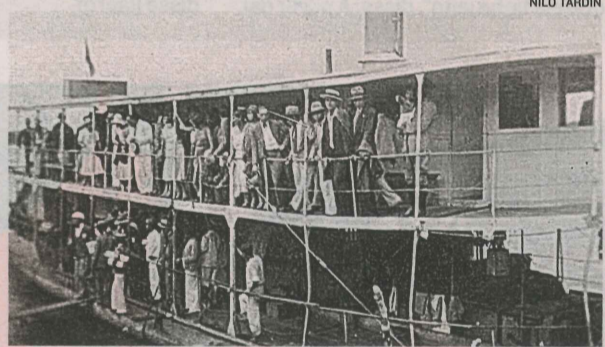
Viagens

- > FAZIA CINCO viagens por mês entre Colatina e Regência com vários pontos de parada nas barrancas do Rio Doce.
- > NOS FINAIS DE SEMANA era usada para passeios entre Colatina e Itapina. Foi um dos marcos da integração das populações do Rio Doce.

Fim

- > AS ÚLTIMAS VIAGENS - de aproximadamente 130 quilômetros entre Linhares e Colatina, devido às inúmeras voltas no leito do Rio Doce, trajeto que percorrido em 10 horas - ocorreram após a construção da Ponte Getúlio Vargas, sobre o Rio Doce, em Linhares, inaugurada em 1954. Em 1955, o vapor foi abandonado.

ÚLTIMOS PASSAGEIROS do Vapor Juparanã, que foi abandonado em 1955



Primeira grande viagem

A professora aposentada Arlene Campos tinha 10 anos quando foi, em companhia da mãe, de mudança de Baixo Guandu para Linhares. As aventuras a bordo do Vapor Juparanã ainda estão vivas na memória dela, hoje com 74 anos.

"Naquela época, obrigatoriamente, a viagem era feita pelo Rio

Doce. Não havia estradas. Vim de mudança com a família e essa aventura maravilhosa foi, na verdade, minha primeira grande viagem. Embarcamos em Colatina às 8 horas e chegamos ao nosso destino já ao anoitecer", contou.

Ela ainda se lembra do recado deixado pelo irmão, que já residia em Linhares, sobre a chegada da embarcação no porto do Rio Doce, no centro da cidade. "Ele me falou: quando avistarem duas lindas palmeiras vocês estarão chegando em Linhares", relembra Arlene

Ela explicou que as palmeiras que ficam no alto do barranco, às margens do Rio Doce, eram o ponto de referência para todos os passageiros começarem a arrumar as bagagens, antes do desembarque. "As palmeiras ainda estão aqui e são um pedaço também da minha história", refletiu.

Mas nem toda viagem foi de momentos bons. Ela lembra que no trajeto a embarcação encalhou e atrasou ainda mais a chegada.



ARLENE mostra foto do vapor